



DOSSIÊ
CULTURA ESCRITA, LETRAMENTO
E LITERATURA INFANTIL

APRESENTAÇÃO

Os desafios postos e impostos pelo dinamismo das necessidades educacionais brasileiras incomodam e inquietam os pesquisadores que se metem a estudar os intrincados cruzamentos de pensamentos e de pesquisas sobre os modos como a escrita, uma criação histórica, cultural, social, pode ser apropriada pelas novas gerações de brasileiros. Ao atravessar conceitos como os de alfabetização, letramento e cultura escrita, as múltiplas teses defendidas por pensadores brasileiros se encontram e se entrecruzam em seminários, congressos e publicações de toda a ordem nas esferas da educação brasileira.

Esse movimento e suas tendências, apoiados por pesquisas desenvolvidas também em outros países com os quais o Brasil mantém estreitos vínculos acadêmicos, trazem o necessário debate para que sejam compreendidos os entraves que incomodam e que inquietam, ao mesmo tempo em que tentam apontar caminhos diversos e múltiplos para os que lidam com a educação no Brasil, e de modo bem específico, com o ensino e com a aprendizagem dos atos de escrever e de ler em um mundo pluricultural.

Nesse universo, aparentemente restrito dos estudos da apropriação da linguagem escrita e, por meio dela, das manifestações culturais da geração atual construtora da cultura, três aspectos, entre distintos e amalgamados, se metem a desafiar os estudiosos que, curiosos, insistem em conhecer os seus intrincados becos e seus cruzamentos, já anunciados nas primeiras linhas desta apresentação.

O primeiro aspecto se alinha com a compreensão dos processos históricos e de seu legado como instrumentos fundamentais para auxiliar o pesquisador a espanar o pó que embaça as manifestações do presente, costumeiramente analisadas sem a necessária observação de sua origem histórica e sem as suas marcas culturais e sociais. O segundo aspecto se manifesta, e é percebido, por meio de investigações sobre a relação entre a aprendizagem do sistema linguístico e os modos sociais e culturais do uso desse instrumento, mas, sobretudo, pelo impacto no processo pelo qual o homem, desde o nascimento, e especialmente ao longo de seu percurso escolar, enfrenta os desafios do mundo da cultura escrita. O terceiro aspecto é caracterizado pela ampliação do universo de leitura da literatura infantil. O Brasil, acompanhando o movimento mundial de produção, de edição, de distribuição de livros para crianças, amplia e aprofunda os estudos sobre obras, situações de leitura, ações escolares e programas governamentais. Os pesquisadores da área lavram, cada vez com maior rigor, as áreas da literatura infantil, com o intuito de fazer aparecer as pedras bem lapidadas resultantes do suor estético, como contraponto ao excesso de livros de baixo valor literário. Os contos de outros tempos e os contos destes novos tempos se encontram nesses livros para abrir as janelas e as portas às crianças, ainda bem pequenas, para o mundo da cultura escrita. Por essa literatura, de ontem e de hoje, vazam a cultura humana, o sistema linguístico, os conceitos, as palavras polifônicas e os instrumentos culturais de humanização.

Reunidos neste volume, os artigos de pesquisadores da Espanha, de Portugal e do Brasil, abordam esses três aspectos e, cada um, a seu modo, apresenta análises e observações bem marcadas pela cultura na qual se banham suas investigações, as históricas e as atuais, e as tendências anunciadas para a segunda década do século.

No primeiro conjunto, de abordagem histórica, Lazara Nanci de Barros Amancio e Cancionila Janklovsky Cardoso escavam os porões dos arquivos históricos à procura das heranças das cartilhas, de utilização pelos alunos, e dos manuais de orientação para o professor, num período histórico em que a cartilha era considerada como porta única de entrada para o mundo letrado.

Amancio, sempre com o olhar atento de quem busca pistas e achados pouco valorizados, encontrou em um sebo de Campinas, SP, em 2005, um exemplar da cartilha *Caminho Suave*, que lhe roubou o olhar. Poderia ser um entre as centenas de milhares de exemplares editados ao longo do século XX, mas esse intrigante exemplar trazia algo incomum para um pesquisador: anotações manuscritas feitas pela professora que utilizara a cartilha. Convencida da importância do manual, mas insatisfeita com os dados de que era portador, a professora, caprichosamente, registrava novas palavras, para deixar, como deixou, anonimamente, as marcas de sua autoria. Amancio revela, com a lupa de sua análise, essa relação profissional e afetiva entre a professora e seu exemplar da cartilha sob o título *Ensino de leitura e escrita: marcas de uma prática*. Cardoso em *Cartilhas escolares: a constituição de acervos para o estudo da história da alfabetização* demonstra os esforços empregados, por um grupo de pesquisa interinstitucional, para encontrar, organizar e analisar cartilhas escolares utilizadas desde o início do século XX no Brasil e, especificamente, detalha resultados de sua pesquisa no Mato Grosso, que, segundo suas observações, foi um grande consumidor de cartilhas publicadas por editoras localizadas em outros estados do país. O legado histórico, preservado e analisado por Cardoso, orienta, de certo modo, o olhar dos pesquisadores que mergulham nesse mundo específico de produção gráfica.

Composto por três artigos, o segundo conjunto aborda e reflete as preocupações de uma esfera da cultura escolar que, pouco a pouco, substituiu o uso das cartilhas por materiais e ações plurais. Norma Sandra de Almeida Ferreira e Lílian Lopes Martins da Silva colocam o foco de suas observações sobre a formulação de uma questão de avaliação de compreensão leitora de alunos do 2º Ano do Ciclo II da Rede Escolar Municipal de Campinas, em 2008. A questão analisada trazia como referência uma placa de oferta de serviços, e a partir do modo como as informações estão registradas, são feitas as solicitações de atribuição de sentido às crianças. A partir desses registros as pesquisadoras contrapõem conceitos, intenções, gestos e, sobretudo, os aspectos culturais que compõem o ato de ler. No artigo *Avaliar práticas culturais de leitura* são desveladas, detalhadamente, as negociações de sentido e de linguagem entre avaliadores e avaliados.

Por meio de outra abordagem, em *Educação infantil e práticas de letramento: conhecimentos da língua e do discurso de crianças de 4 e 5 anos*, Cecília M. A. Goulart analisa “as formas como a linguagem escrita atravessa a vida de dez crianças, e seus conhecimentos sobre a cultura escrita, por meio de observações, entrevistas e outras atividades, em suas casas e na creche universitária que freqüentam” na Universidade Federal Fluminense. Em suas conclusões, defende o pressuposto de que a aprendizagem restrita do sistema de escrita não transforma as condições globais do homem, mas a escrita, apropriada como prática social, no universo do conceito de letramento, seria o grande instrumento dessa transformação.

Dagoberto Buim Arena, Adriana Pastorello Buim Arena e Sonia Oliveira Santos tomam como referência o conceito de funções em Vigostki para analisar as decisões de uma aluna de primeiro ano, durante o processo de escrita de uma carta destinada a uma colega moradora em outra cidade. Os dados analisados pelos pesquisadores revelam a diversidade das fontes fornecedoras de informações das quais se serve a criança para tomar decisões em relação a quais letras utilizar. Mais do que a diversidade, o princípio é de que, em vez de se apoiar exclusivamente na correspondência fonema-grafema, a aluna busca atribuir à letra uma função própria na palavra que compõe, com as demais, o discurso em processo de construção.

Este segundo conjunto é concluído com o artigo *Gêneros textuais e ensino: as relações entre oralidade e escrita*, de Leticia Richtofen de Freitas, de Pelotas, no Rio Grande do Sul, que discute o conceito de gênero, na perspectiva bakhtiniana, em atividades de pesquisa no ensino fundamental, nas quais os alunos, em situações de reconto de contos e crônicas, lidavam com as experiências de retextualização. Os três artigos deste segundo conjunto mantêm vínculos próximos do ponto de vista teórico, uma vez que tomam como referência o ensino e a aprendizagem da língua escrita como processo de enunciação.

O terceiro conjunto é composto por cinco artigos, cujo tema nuclear é a literatura infantil.

Esses estudos, aqui reunidos, revelam a tendência nacional e mundial em colocar como destaque a criação literária dirigida intencionalmente para as crianças, mas que, aos poucos, seduz não apenas professores, mas os próprios pais que passam a ler com os filhos a mais antiga e a mais recente produção literária brasileira e mundial. Dos cinco artigos, dois deles são de pesquisadores da península ibérica. Rosa Tabernero, de Saragoza, na Espanha, analisa o Livro-Album, especificamente, os elementos paratextuais e epitextuais, que estabelecem diferenciações entre o livro-álbum e o livro ilustrado. Seu artigo proporciona aos leitores brasileiros a possibilidade de conhecer suas pesquisas, que incluem a análise *O personagem enalhado*, da escritora brasileira Angela Lago, e o seu projeto *Leer mirando. El libro-álbum en la promoción de hábitos lectores*. Tabernero conclui o artigo *Leer y mirar: Claves para una poética de la recepción del libro-álbum y del libro ilustrado* com uma afirmação contundente a respeito da literatura infantil. Em suas próprias palavras, “*El libro-álbum y el libro ilustrado exceden los límites de la concepción de la lectura como hábito y se acercan irremediabilmente a una propuesta estética, retórica y cultural vinculada a la construcción de un espacio privado en el que un lector sin edad construye mundos posibles.*”

Ângela Maria Franco Martins Coelho de Paiva Balça, de Portugal, traz para o leitor brasileiro as experiências com o projeto *A Fada Palavrinha e o Gigante das Bibliotecas*, desenvolvido pelos educadores de Évora, com crianças e jovens escolares. Os baús com livros de literatura levados para casa pelos alunos envolveram, como todo bom programa, os pais e todos os demais membros da família, como bem narra a pesquisadora no artigo *Projetos e atividades de promoção da leitura e de formação de leitor*.

O outro artigo desse conjunto, *Reinventar a leitura: um olhar para as práticas de uma biblioteca comunitária*, de Gisele Massola, analisa dados de pesquisa realizada na biblioteca comunitária de Ilê Ará, em Porto Alegre, cujas atividades se organizam em torno de malas de leitura, saraus, encontros literários e conversas com autores de livros. Os dados e comentários de Massola, por se aproximarem das experiências de Balça em Portugal, indicam a globalização das tendências das ações com literatura infantil e o vínculo cada vez mais estreito entre família, leitura, biblioteca e escola.

Os dois últimos artigos trazem a contribuição de três pesquisadores do Rio Grande do Sul. Rosa Maria Hessel Silveira e Lara Tatiana Bonin dirigiram suas pesquisas, analisadas em *Lendo histórias – um estudo sobre o reconto de obras de literatura infantil por crianças do ensino fundamental*, para atividades de reconto oral de histórias, feitas por crianças, no Rio Grande do Sul. Essas atividades, conforme assinalam as pesquisadoras, apontam “a fecundidade da prática tanto como estratégia pedagógica, quanto como estratégia de pesquisa para aprofundar conhecimentos sobre formas específicas de negociação de significados a partir da leitura de narrativas literárias.”

Em outra perspectiva, Edgar Kirchoff coloca em debate *O mito da diferença na literatura infantil* por meio da análise que faz de onze livros da literatura infantil com destaque para *Felpe Filva*, de Eva Furnari. A intenção de Kirchoff é, ao analisar o modo como as situações de diferença são abordadas, apontar as obras que contribuem para a criação e preservação do mito e, por outro lado, destacar *Felpe Filva* como a criação que contribui para a desconstrução desse mito.

Inegavelmente, os artigos deste dossiê respondem a demandas dos pesquisadores, de alunos de graduação e de professores da educação básica, e contribuem para alimentar o debate sobre a linguagem escrita, como prática cultural, e sobre seu ensino, sua aprendizagem, sobre suas manifestações na sociedade e na escola, entre elas, de modo cada vez mais intensa, a literatura infantil.

Dagoberto Buim Arena
Programa de Pós-Graduação em Educação
UNESP – Campus de Marília

